

O CHRISTÃO

NÓS PRÉGAMOS A CHRISTO

1^a aos Corinthios cap.1. v.23

Redacção:

Rua de S. Pedro N. 118

RIO DE JANEIRO

REDACTORES DIVERSOS

Publicação Mensal

Assignatura Annual... 3\$000

ADEANTADOS

Principia em qualquer mez mas finda em Dezembro

ANNO XX

Rio de Janeiro, Maio de 1911

NUM. 234

A BIBLIA E' A PALAVRA DE DEUS

Como se pôde saber que o livro chamado Biblia é a Palavra de Deus? Eu respondo que ella leva consigo suas credencias. Cada pagina, cada parágrafo, cada linha mostra ser assim. Certamente é o Espírito Santo, Author divino do livro, quem infunde essa evidencia e que faz que sejam reconhecidas suas credencias.

Não temos, pois, necessidade da voz humana para reconhecer como verdadeiro o Livro de Deus. Si Deus não pudesse falar directamente ao coração, si Elle mesmo não pudesse dar a certeza de que é Elle mesmo quem fala, a que recorreríamos?

Que voz humana dar-nos-ia maior certeza? Porventura a autoridade da Igreja, os decretos dos concilios, o juizo dos chamados santos Padres e a opinião dos doutores pôdem dar-nos maior certeza sobre este assunto, que Deus mesmo? Si assim fosse, estariam completamente na incerteza, nas trevas, como si Deus não tivesse falado. Não é evidente que si Deus em sua grande misericórdia nos tem dado uma revelação, esta deve bastar, por si mesma, e que, pelo contrario, toda revelação insuficiente por si mesma, não poderá ser de Deus?

Não é, alem disso, evidente que si nós não podemos crer o que Deus diz, porque Elle o diz, não teremos uma garantia mais segura quando o homem pretenda pôr o sello de sua sancção ao Livro divino?

Entendamo-nos bem. Insisto agora sobre a plena sufficiencia da revelação, pres-

cindindo de todos os escriptos humanos antigos e modernos. Considero os escriptos dos homens, a critica sensata, a erudição profunda, a verdadeira sciencia e a philosophia.

Estimo o testemunho desses viajantes piedosos que tem feito esforços para esclarecer o texto sagrado; estimo todos esses livros que nos falam de um modo tão interessante ácerca das antiguidades bíblicas; emfim, aprecio tudo quanto nos pôde auxiliar no estudo das Santas Escrituras; porém, depois de tudo volvo com mais força a meu asserto sobre a plena sufficiencia da Palavra de Deus. Esta Palavra deve ser, por certo, recebida sobre o fundamento de sua propria autoridade, fóra de toda a recommendation humana, sem o que ella não seria a palavra de Deus para nós.

Estou persuadido de que Deus pôde dar-nos a certeza de que as Santas Escrituras são sua propria palavra. Si elle nos dá, ninguém pôde dar-nos-as; si Elle o faz, não necessitamos do homem para fazel-a. É assim que S. Paulo diz a seu filho Timóteo.

"Tu, porém, fica nas coisas que aprendeste, e de que foste inteirado, sabendo de quem as tens aprendido, e que desde a tua meninice soubeste as sagradas letras, as quais podem fazer-te sabio para a salvação, pela fé que ha em Christo Jesus. (2 Tim. 3 : 14 e 15).

Como sabia Timóteo que as Santas Escrituras eram a Palavra de Deus? Elle o sabia pelo ensino divino, elle sabia de quem as havia aprendido. Eis ahi o segre-

do. Existia um vínculo vivo entre sua alma e Deus, e Ele reconhecia nas Escrituras a mesma voz de Deus. E assim deve ser sempre. Não basta estar intelectualmente convencido, por argumentos humanos, por apologias humanas de que a Bíblia é a Palavra de Deus; nós temos que conhecer seu poder em nossos corações e em nossas consciências pelo ensino divino, e, sendo assim, não necessitamos provas humanas da divindade da Bíblia, como não faz falta a luz de uma vela para demonstrar que o sol nos allumia. Nós cremos então o que Deus diz, porque Elle o diz, e não porque o homem o garanta "Abraham creu a Deus e sua fé lhe foi contada por justiça".

Este patriarca não teve que appellar aos homens para saber si o que tinha ouvido era realmente a Palavra de Deus, ou não.

Elle sabia a quem tinha crido e isso dav-lhe uma santa segurança. Podia dizer com certeza: Deus tem estabelecido um vínculo entre Si e minha alma por sua palavra, o qual ninguém pôde quebrar.

Este é o fundamento seguro para o crente em todos os tempos e circunstâncias.

(H. Evangelico)

MENINOS CRENTES

Em certa localidade os meninos, de uma escola tinham, cada semana, uma reunião de oração, e uma pequena de sete annos pediu para que lhe fosse permitido assistir.

— Por quem orarás tu, Carolina? perguntou, rindo-se, uma das maiores.

Olha! disse a menina, enquanto vós orais pelas pessoas grandes, eu vou pedir a Deus que tome cuidado das pequeninas.

Isso relembrava uma historia parecida com o pensamento de outra menina.

Chovia muito e o vento soprava rijamente e as barcas luctavam com os elementos. A pequena pensou nos marinheiros e nos peccadores.

— Mamãi, disse ella, si você ora a Deus pelos vapores, eu pedirei pelos barquinhos.

Estudo Bíblico

O Christo como Salvador

«Eis-ahi o teu Rei virá a ti, justo e salvador, elle é pobre e elle vem montado sobre uma jumenta, e sobre o potrinho da jumenta» (Zac. 9 v 9).

Zacarias prophetisava quando os Judeus, voltados do captiveiro de Babylonia, trabalhavam para reedificar o templo e a cidade de Jerusalém.

Sião era o logar onde David reinou, e o povo de Sião é convidado a alegrar-se com a vinda do Rei.

A atenção do povo é chamada pelo Profeta — eis-aqui.

O Rei de Sião, não David, mas um que filho de David é maior do que elle.

O Christo é o Rei (Salmo 44), mas, este Rei não virá com as grandezas externas de um Rei.

O carácter do Rei é indicado. (1) «E' justo».

Ser justo é uma qualidade necessária a um rei. O Messias, Rei de Sião, seria um Rei justo. (Isaias 11 v 3 a 5; Jer. 23 v 5 Salmo 44 v 6 a 8). (2) Salvador.

Não um Rei para destruir, mas para salvar; e Jesus veio para salvar Sião e os outros peccadores (Matt. 1 v 21; Lucas 2 v 11).

(3) «E pobre». Nos primitivos tempos de Israel, quando cavalos não estavam em uso por causa da proibição de Deus (Deut. 17 v 16), pessoas distintas montavam em jumentos ou mulas (3. Reis 1 33), e por prophetas Deus censurou o uso de cavalos, porque importava confiança nelles e não em Deus (Isaias 2 v 6 a 8, c. 31 v 1; Oséas 14 v 3).

Salomão abusou fazendo uso de cavalos (3. Reis 10 v 28), e ainda que os jumentos não eram desprezados, elles estavam mais em uso pelos pobres. O cavalo era um símbolo de guerra. (Job. 39 v 19 a 25) e o jumento era de paz. O Rei de Sião seria pobre, não ostentando grandeza, nem vinharia para guerrear. A sua vinda era de paz, pobre, montado em um jumentinho. Vem como Salvador, vem trazer paz porque Elle é o Princepe da Paz. (Isaias 9 v 6, 7; Lucas 19 v 42). No v. 10 da profecia se declara a extinção da guerra e o estabelecimento da paz pelo Rei, assim

como a extenção do seu reino (Zac. 9 v 10).

Esta prophecia cumpriu-se em Jesus quando Elle entrou na cidade de Jerusalém. Os quatro evangelistas noticiam este facto, e declararam que assim sucedeua para se cumprir a prophecia (Matt. 21 v 1 a 11; Marcos 11 v 11; Lucas 19 v 29 a 44; João 12 v 12 a 19). A entrada em Jerusalém foi em um Domingo, quatro dias antes da Pascoa. Jesus entrou como o Rei de Sião, o Filho de David.

O milagre que Elle fizera restaurando a vida de Lazaro, que tinha estado morto quatro dias, despertou a curiosidade do povo, e juntando a ordem dos magistrados para Jesus ser preso, fez augmentar o desejo do povo querer vel-o (João 12 v 9 a 15). O povo que tinha vindo ver Lazaro, sabendo que Jesus ia a Jerusalém «tomaram ramos de palmas e sairam a rebel-o. A demonstração era um reconhecimento que Jesus era o Messias, pois o aclamavam Filho de David e Rei de Israel (João 1 v 45, 49; cap. 12 v 12 a 15), usando das palavras do Salmo do Messias (117 v 26). «Bemrito o que vem em nome do Senhor». Os Judeus sabiam que este Salmo referia-se ao Messias, e Jesus fez referencia a elle applicando-o a si (Matt. 21 v 42). O Apostolo Pedro tambem referiose a este Salmo para provar que Jesus era o Messias (Actos 4 v 11; 1^a de Pedro 2 v 4, 7).

Jesus entrou em Jerusalém montado no jumentinho, como dizem os Evangelistas (Marcos 11 v 7. Lucas 19 v 35; João 12 v 14), um jumentinho que não tinha sido servido por outra pessoa.)

Mattheus diz que os discipulos trouxeram a jumenta e o jumentinho, que provavelmente era acompanhado pela jumenta. (Mattheus 21, v 2 a 7).

O dia da entrada era o 10 do mez da Pascoa; e Jesus ainda que era o Rei, era tambem o Cordeiro de Deus pois no dia 14 Elle foi immolado segundo Exodo 12.

O dia de sua entrada triumphal como o Messias, Rei de Sião, foi tambem o dia de sua resurreição, triunphando de seus inimigos e da morte. E' o dia glorioso, o Dia do Senhor para os remidos se alegrarem como diz o Salmo 117 v 22 a 27. Actos 4 v 10 a 12 e Apoc. 1 v 10.

Isaias 62 v 11 usa linguagem semelhante á de Zacarias 9 v 9 : «Dizei á filha de

Sião, eis-ahi vem o teu Salvador». Ambos os Prophetas apresentam o Christo como Salvador e Elle foi enviado pelo Pae para ser o Salvador de Judeus e Gentios (1^a João 4 v 14; Lucas 2 v 11; Matt. 1 v 21; Actos 13 v 23; João 4 v 4; Actos 5 v 31 2^a Pedro 2 v 20; Tito 3 v 6; 2^a Pedro 1 v 1; Phil. 3 v 20; 2^a Pedro 1 v 1; Phil. 3 v 20; Tito 2 v 1.).

No Salmo 109 v 1 o Christo assentado a dextra de Deus exerce o officio de Mediador, e no Novo Testamento Jesus Christo é o Mediador entre Deus e o homem (João 14 v 6, 14 1^a Tim. 2 v 5; Heb. 12 v 24; João 16 v 23, 24).

Em Isaias 53 v 12, Elle é o intercessor, e isto Jesus fez na cruz quando rogou ao Pae pelos seus inimigos (Lucas 23 v 34), e neste caracter de intercessor Elle está no céu (Heb. 9 v 24; 1^a João 2 v 1, Rom. 8 v 34; Heb. 7 v 25).

Isaias 40 v 11 apresenta o Christo como Pastor, e Jesus diz que Elle é o Bom Pastor (João 10 v 11, 14). Tambem é chamado Pastor em Heb. 13 v 26; 1^a Pedro 2 v 25; c. 5 v 1, 2, 4.

O Apostolo Paulo faz referencia a Isaias 59 v 20, onde o Christo é apresentado como o Redemptor que vem a Sião, como respondendo ao Salmo 13 v 7.

O Apostolo nesta referencia em Rom. 11 v 26 trata da restauração de Israel, quando a iniqüidade será tirada (Salmos 130 v 4; Lamentações 5 v 21).

Sião rejeitou o seu Rei, e Elle retirou-se, mas dias virão quando Israel será restaurado, e reconhecerão que Jesus é o Rei Messias. A cegueira veio a Israel até que haja entrado a multidão das gentes. (Rom. 11 v 25, 26).

Porão os olhos em Jesus, a quem trespassaram e chorarão arrependidos (Zac. 12 v 10).

JOÃO DOS SANTOS

Um trabalhador christão não prova sua sinceridade enquanto não está resolvido a trabalhar sem esperança de agradecimento.

Quando reconhecemos que Deus está em toda a parte, estamos prompts a ver que em qualquer lugar é Terra-Santa.

HUMILDADE PRESUMPCOSA

(*The Sunday School Times*)

A humildade é indubitavelmente a essencia do verdadeiro caracter christão. É' uma das qualidades mais notaveis na vida de Jesus Christo e uma das mais recommendedas em seus ensinos.

Seu nascimento humilde, sua pobreza e sua morte na cruz entre malfeiteiros são provas da sua auctoridade para ensinar aos que o seguiam que escolhessem sempre os ultimos logares, para que fossem dignos dos mais elevados.

Sua vida é a prova mais completa que sómente o que se humilha será exaltado. Na ultima ceia, quando, tomando a toalha cingiu-se e lavou os pés aos discípulos, adicionou mais um exemplo frisante aos muitos que já havia dado e que jamais se desvaneceram da memoria dos que o acompanhavam.

A humildade é qualidade professada por pessoas que estão longe de possuir-a. Dizia o bispo Core que uma das grandes necessidades dos nossos dias é a de pregarmos contra o pharisaismo dos publicanos.

Humildade não quer dizer justiça propria, porque difficilmente se possuirá consciencia della. Quando um nota a sua propria humildade, está simplesmente a destruila. Não é verdadeiramente humilde o que faz peculiares distincções de si mesmo, posto que essa distincção seja da propria humildade. Não ha maior arrogancia do que a do ostensivamente humilde. Quando se ostenta humildade ao ponto de chamar-se a attenção dos outros, prova-se sobejamente que ella não existe. O que dá graças a Deus por ser modesto publicano, não passa de phariseu. Outro grande perigo da presumpção quando associada com a humildade é o de inconscientemente por-se limites a esta. Da propria natureza ou virtude, ella é illimitada. E' impossivel ser-se humilde para com uns e presumçoso para com outros ou mostrar-se muito humilde no domingo e vangloriar-se durante toda a semana.

A graça da humildade deve abranger todo o caracter do individuo, bem como a sua vida; o contrario não será mais do que fingimento. Agradar simulando é o

que faz o hypocrita para apparentar humildade, mas elle se desmente pela insolencia com que trata o fraco e pelo modo baixo e vil com que illude a boa fé dos pôderosos. A verdadeira humildade não faz distincção de pessoas, assim como sucede com o verdadeiro orgulho. Periga o homem que, na apparencia, é muito humilde, mas que, quando não é notado, dá de mão a essa virtude. Esta falta é quasi geral, isto é, não é pouco commun entre homens que desejam mostrar deferencia aos igualmente dotados, ao passo que, para outros menos favorecidos do que elles, têm outros modos de tratar. Para com iguaes ou superiores mostram toda a deferencia, mas ahi pára a sua humildade. Não era assim com Jesus que sendo summo-sacerdote do Deus Altissimo, era tão humilde para com o Pae no céu, como para com os peccadores aqui na terra.

A humildade presumpçosa não se limita a uma ou outra especie, mas ha humildade presumpçosa de variegados aspectos. Nos tempos que atravessámos, é nos muito familiar uma certa classe de pessoas que nunca se acham preparadas para aceitar o Evangelho. «Ainda não estamos em condições», dizem, «mais tarde aceitaremos o Evangelho». Esta humildade é, no fim de contas, uma presumpção que, provando a inaptidão do individuo para a vida christã, prova tambem a sua aptidão para o peccado. Christão é aquelle que nunca encontra capacidade em si mesmo para qualquer causa que boa seja; sem o auxilio de Deus. Esse outro faz grande conceito de si proprio antes que da sua humildade.

O que sinceramente realiza que, em si mesmo é incapaz para qualquer obra boa este tal é que pôde pertencer ao Reino de Deus, ser membro da verdadeira Espousa de Christo — a Egreja.

Ainda mais presumpçoso é o que se supõe manifestar sufficientemente preparado e que, assim procedendo, exerce mais discernimento do que os outros que muita vez, não andam correctamente nos caminhos de Christo.

Tal pessoa se apresenta, posto que não declare a viva voz, como superior á totalidade dos membros da Egreja e como

um pouco mais humilde do que os que professam a fé christã.

Sabe que não é muita boa, emtanto procura tornar-se mais considerada quanto ao ser humilde. Ainda o Bispo Core sobre este assumpto se expressa desta maneira:— Essa humildade falsa apresenta-se da forma seguinte:— «Nós», dizem alguns, «não vamos á communhão, porque pessoas que têm de agir no mundo devem fazer certas cousas e deixar de fazer outras.

Para nos sentarmos á mesa da comunhão, espera-se de nós o arrependimento que não temos. E si não somos estritos observadores do Evangelho, também não somos hypocritas» e continuam: Senhor, damos-Te graças porque não somos como um desses hypocritas, porque n'io fazemos profissão religiosa !

Mas o phariseu fica satisfeito consigo proprio e o que não faz profissão religiosa é tão nocivo e prejudicial a si mesmo como o que a professa abundantemente.

Considerar-se mais digno de louvor do que os outros por não professar o Christianismo é equivalente a dizer-se melhor do que os christãos.

De resto, qualquer affectação deixa de ser a realidade. E' o que acontece com pessoas polidas que, por um momento, pôdem propuzir impressões agradaveis, mas que depois inspiram desgostos aos homens sinceros.

O coração verdadeiramente humilde realiza tão completamente as suas limitações que não pode senão considerar os outros como superiores. Conhece tão bem a sua fraqueza que jamais será capaz de julgar-se maior do que o proximo. Sente profundamente a sua dependencia de todos os que rodeiam que não tem logar senão para a humildade. Quando um soberbo se mostra humilde, constrói um muro occulto entre si e Christo.



O atheismo espiritualisa a materia e materializa o espirito.

Nos homens não ha sufficiente ignorancia, para serem verdadeiramente atheus.

CAPITULOS DE OURO PURISSIMO

Escolhidos e assim chamados pelo Rev.

C. H. Yatman Newark N. J.

Admoestaçao	Hebreus 13
Arrepentimento	Lucas 13
Bello	Matheus 5
Benção	Denteronomio 28
Cantico	Lucas 1
Capitulo de Contrastes	Lucas 17
Caridade	1 Corinthios 13
Caracter	Job 29
Casamento	Efesios 5
Céu	Apocalypse 21
Christão, (do)	1 Pedro 2
Commerciante, (do)	Proverbios 8
Conhecimento	Lucas 11
Consagração	Romanos 12
Convertido, (do)	Isaias 12
Coragem	Josué 1
Correcção	Hebreus 12
Creacão	Genesis 1
Descanço	Hebreus 4
Dever	Ezequiel 33
Dom	1 Corinthios 12
Ensinador, (do)	Lucas 6
Escarnecedor, (do)	Proverbios 1
Expiação	Hebreus 9
Familia, (da)	Colossenses 3
Fé	Hebreus 11
Festa	Deuteronomio 16
Fortificante	Psalmo 26 (F.)
Hoje	Hebreus 3
Humildade	Lucas 18
Hypocrita	Mattheus 23
Insensato, (do)	Proverbio 26
Insondavel	Efesios 3
Intemperança	Proverbios 23
João Baptista	Lucas 3
Jejum	Isaias 58
Juramento	Numeros 30
Mães, (das)	Juizes 13
Maravilhoso	Lucas 9
Millenio	Apocalypse 20
Ministro, (do)	Ezequiel 34
Moralista, (do)	Psalmo 13 (F.)
Mulher, (da)	Proverbios 31
Natividade	Lucas 2
Oração	João 17
Pascoa	Exodo 12
Pastor, (do)	João 10
Paz e Promessa	João 14
Peccador, (do)	Lucas 19
Pentecoste	Actos 2

Perdido e Achado.	Lucas 15
Pergunta.	Lucas 20
Permanecendo.	João 15
Pescador, (do).	Lucas 5
Pregador, (do).	Isaias 61
Prodigo, (do).	Psalm 50 (F.)
Professor, (do).	Lucas 12
Prostituta, (da).	Proverbios 7
Pobre, (do).	Lucas 14
Redenção.	Lucas 23
Rico, (do).	Lucas 16
Rocha.	Deuteronómio 32
Sabedoria.	Proverbios 3
Segurança.	Psalm 90 (F.)
Semeador.	Lucas 8
Separação.	2 Corinthios 6
Serviço.	Lucas 10
Soffredor, (do)	Isaias 53
Soldado, (do).	Efesios 6
Trabalho.	Thiago 2
Triste.	Lucas 22
Vencedor, (do).	Lucas 4
Viajante, (do).	Psalmos 120 (F.)
Victoria.	Romanos 8
Victorioso.	Lucas 24
Vida.	Lucas 7
Vigia (do).	Lucas 21
Vinde.	Isaias 55

Ao leitor — E' assim que podemos manejar bent a palavra da verdade, tanto para os nossos corações como para os outros. Estude e cuidadosamente um dos capítulos, tomando seu título por idéa central, e achareis n'elle leite para os recem-nascidos e ao mesmo tempo mantimento sólido para os homens.

Servirá esta folha para «marca-livro» na vossa Biblia.

Testemunhai vossa affeição, antes por obras que por palavras.

Uma afflição, assim como uma desgraça, vem raras vezes só.

Tres cousas lançam o homem fóra de casa ; o fumo, a goteira e a mulher trameira.

Quem fez a casa na praça
A muito se aventurou ;
Uns dizem que é muito baixa,
Outros que de alta passou.

REV. FRANCISCO DE SOUZA

No primeiro domingo de março, por occasião do culto da noite, na Egreja Evangelica Fluminense foi solemnemente ordenado Ministro do Evangelho, o seminarista Franciso de Souza. Resolveu-se fazer isto na sexta feira anterior, motivo pelo qual não houve tempo para se tornar esse acto mais publico. Não obstante, o vasto templo fluminense esteve repleto de crentes, congregados e pessoas estranhas que presenciaram a tocante cerimonia. Tomaram parte os revs. João dos Santos, pastor da Egreja Fluminense; Alexandre Telford, co-pastor; Pedro Campello, pastor da Egreja Pernambucana; Elias Tavares, da Egreja de Niteroy e o ordenando Franciso de Souza.

Após a leitura da Palavra de Deus e de mais exercícios religiosos, deu-se começo á cerimonia da ministerial consagração que constou do seguinte : — Apresentado á Egreja o candidato, foram feitas as perguntas constitucionaes pelo pastor, seguidas de importantes exhortações referentes aos sagrados deveres ministeriales. Em seguida, teve a palavra o rev. Telford, que produziu uma breve, porém, eloquente panóptica e dividida em duas partes mui distintas, 1º fazendo sentir ao candidato todos os seus deveres como ministro de Christo e 2º fazendo a Egreja reconhecer os seus deveres para com os que trabalham no Evangelho. Terminado esse vibrante discurso, foram feitas orações de consagração, pedindo a Deus se dignasse tornar efectivo e sancionasse esse acto de sua Egreja.

A cerimonia se concluiu por oferecerem os pastores presentes ao novel ministro do Evangelho a dextra de fraternidade no ministerio de Christo. E assim terminou esse acto solemne pelo qual se confere a mais um distinctissimo moço brasileiro os privilegios de transmittir aos homens as "Boas Novas" de Salvação.

Após a Sancta Ceia do Senhor, foi o recem-consagrado ao ministerio, abraçado e comprimentado por todos os crentes e amigos.

O «Puritano» effusivamente saúda o rev. Franciso de Souza e supplica sobre o seu ministerio abundante baptismo do Espírito Sancto.

JULIO OLIVEIRA

A causa evangelica vem de soffrer sensivel perda.

E' que noticias de Portugal transmitte-nos a triste realidade que falleceu em Lisboa o conhecido e estimado irmão Julio Francisco da Silva Oliveira.

Natural da Ilha de S. Miguel, veiu para o Brasil contando apenas 11 annos de edade.

Esteve por alguns annos empregado na Casa Clark, captando de tal modo a sympathia de seus patrões e desenvolvendo-se no negocio que obteve, interesse vantajoso na casa, tornando-se gerente, depois socio.

Amava muito o Brasil e naturalisou-se cidadão brasileiro, declarando que tinha sido aqui que fizera a sua independencia. Ouviu o Evangelho no Brasil quando pregava o dr. R. R. Kalley, na Rua do Proposito (bairro da Gambôa), local ocupado então pela *Egreja Evangelica Fluminense*. Converteu-se ao evangelho e se congregava alli.

Era muito fervoroso no trabalho do Senhor. Foi mais tarde baptizado na *Egreja Presbyteriana* do Rio pelo dr. A. L. Blackford ou rev. Simonton.

Partiu do Rio para Portugal no anno de 1896, frequentando e ajudando o culto independente sob os cuidados do irmão sr. Manoel S. Carvalho, na Calçada do Casção.

Querendo dar mais expansão á sua actividade, reuniu em sua casa alguns crentes fervorosos para oração ao Senhor afim de impetrar a Sua direcção no que pretendia fazer para o trabalho do evangelho no então reino de Portugal, patria sua querida e de seus progenitores.

Ficou resolvido alugar os baixos de uma casa na Estephania e para isso preparam dous grandes salões para culto e escholas diarias, tudo a sua custa. Convidou diversos irmãos para ajudal-o. O trabalho desenvolveu-se de tal modo que elle julgou acertado oferecel-o á missão methodista que tomou-o sob o seu cuidado até certo tempo.

Não sendo possivel aquella missão continuar com esse trabalho, o irmão Julio, que sempre amou de coração a *Egreja Evangelica Fluminense*, de acordo com ou-

trois irmãos, poz aos cuidados dessa egreja o trabalho da Estephania.

A *Egreja Fluminense* aceitou essa incumbência e foi organizada a *Egreja Evangelica Lisbonense*, iniciada a esforços desse dedicado irmão. Continuá a prosperar sob o pastorado actual do rev. José Augusto dos Santos e Silva, que, por sua vez, já ajudava muito aquella organisação.

A concorrência de pessoas crescendo cada vez mais, chamou a attenção dos jesuitas que (consta) aconselharam á rainha para pôr côbro á propaganda. Para esse fim foi convidado o Conego Senna Freitas (ora nessa cidade) para acabar com aquella propaganda, asseverando este (dizem) que em breve estaria tudo acabado.

O illustre e intelligente Conego annuncio conferencias na "Egreja dos Anjos" que era perto da casa do culto evangelico para combater a propaganda, pregou muito, deu muitos folhetos contra o evangelho, por fim, vencido que não conseguia o seu intento, cessaram as conferencias, mas o evangelho continuou a ser pregado. O Padre Senna Freitas foi demittido pelo governo do cargo que exercia junto á Republica como sacerdote romanista, a "Egreja dos Anjos" foi demolida para embelezamento da rua e o evangelho continuá. Graças á tenacidade de Julio de Oliveira e de outros, com a bençam de Deus em primeiro lugar, a obra da Estephania vae sempre avante porque é obra de Deus e não dos homens.

Juntava-se Julio de Oliveira com alguns moços crentes de diversas egrejas para levar o conhecimento do evangelho por toda a parte e essa convivencia christã induziu-o ainda a ser um dos principaes organizadores da *União Christã da Mocidade*, em Lisboa, da qual foi eleito presidente em 1905.

A 18 de Abril p. p. faleceu este illustre servo do Senhor na edade de 68 annos, depois de passadas 48 horas, apôs melindrosa operação que causou-lhe a morte.

Orou com fervor e cantou no leito da morte o hymno -- "Vou á Patria" -- e, quando estava prestes a expirar, ainda recitou uns versos da Escriptura e cantou o hymno 473 -- "Junto ao throno de Deus preparado", dos "Psalmos e hymnos". O finado era casado em segundas nupcias.

Deixou testamento legando 500 libras para a *Egreja Evangelica Lisbonense*, 50 li.

bras para os pobres da mesma egreja, 500 libras para a *Sociedade de Evangelisação*, 1.000 libras para a *Egreja Presbyteriana* de Lisboa, e 100 libras para os pobres dessa egreja, alem de outros legados que fez, os quaes serão cumpridos quando venha a falecer sua esposa.

Deixa também 500 libras para sua enteada e, no caso de falecimento, reverterão essas libras para o *Hospital Evangelico Fluminense*, no Rio de Janeiro.

Seu enterro foi concorridissimo, calculando-se em mais de 500 pessoas que faziam parte do prestito funebre. Sahindo da residencia do falecido, foram para o templo protestante da rua Arriaga falando por essa occasião os srs. Motta Sobrinho, pastor da *Egreja Presbyteriana*; Alfredo da Silva, pastor da *Egreja Methodista do Porto* membro do «comitê» universal e presidente do comité nacional das uniões christãs de Portugal; José Augusto dos Santos e Silva, pastor da *Egreja Evangelica Lisbonense* e rev. Joaquim dos Santos Figueiredo, pastor da *Egreja Evangelica Luzitana*.

A beira da sepultura, falaram tambem os srs. Rodolpho Horner, secretario geral da *União de Lisboa* e o dr. Joaquim Leite Junior, de Coimbra, os quaes enalteceram o caracter do falecido.

Os jornaes evangelicos de Portugal e do Brasil e alguns jornaes seculares referem-se ao illustre morto, lamentando seu passamento. Do *Seculo*, de Lisboa, transcrevemos o artigo que vae em seguida O *Christão*, que contava o nome de Julio de Oliveira entre seus amigos chora, o desapparecimento objectivo do homem digno e envia á inconsolavel esposa e á toda distincta familia, bem como aos cren tes no Brasil e em Portugal, manifestações de pezar pelo dolorosissimo golpe sofrido.

Bemaventurados são os mortos que morrem no Senhor.»

—
Eis aqui o artigo do *Seculo de Lisboa* a que nos referimos acima.

“Realisou-se hontem, no cemiterio dos Prazeres, com numerosissima concorren cia, o funeral do sr. Julio Francisco da

Silva Oliveira, presidente da União Christã da Mocidade (protestante) d'esta capital, incorporando-se, alem dos socios d'esta collectividade, grande numero de representantes das diversas congregações evangelicas.

O sr. Oliveira era natural da ilha de S. Miguel e contava 67 annos de edade.

Foi para o Brazil com 11 annos e aceitou o evangelho contando uns 18 annos; trabalhou muito tempo como caixeiro ate se tornar gerente e socio de uma casa commercial mui importante. Veiu para Portugal em 1896 para se dedicar á obra do protestantismo, fundando dois annos mais tarde a missão evangelica da Estephânia hoje chamada Egreja Evangelica Lisbonense. Tomou grande interesse na egreja presbyterian portugueza e cooperou fervorosamente na fundação da União Christã da Mocidade, da qual foi eleito presidente em 1905, trabalhando pelo levantamento da mocidade, fielmente, até á morte

O prestito, saindo da residencia do falecido, foi em primeiro lugar para o templo protestante da rua Arriaga, onde fizaram uso da palavra os srs. Motta Sobrinho, pastor da egreja presbyterian; Alfredo da Silva, do Porto, membro do «comitê» universal e presidente do «comitê» nacional das uniões christãs de Portugal, pastor da egreja methodista do Porto; José Augusto dos Santos e Silva, da Egreja Evangelica Lisbonense, e rev. Joaquim dos Santos Figueiredo, da egreja Luzitana.

A' beira da sepultura enalteceram o caracter do sr. Oliveira os srs. Rodolpho Horner, secretario geral da União de Lisboa, e dr. Joaquim Leite Junior, de Coimbra.

Proverbios

O que disser ao impio : Justo és : os povos o amaldiçoarão, as nações o detestarão.

Mas para os que o reprehenderem haverá delicias, e sobre elles virá a benção do bem.

Beijados serão os labios do que responde com palavras rectas.

Prepara de fóra a tua obra, e apparelha-a no campo, e então edifica a tua casa.

Portugal

Separação da Egreja e do Estado

Esperava-se aniosamente que o Governo Provisorio decretasse a Lei de Separação da Egreja do Estado. Ella veiu afinal. Mas trouxe completa desillução aos que suspiravam pela liberdade religiosa. O governo reconhece de um lado o direito de todos os cultos religiosos, do outro exerce a maior oppressão sobre os mesmos. Separa-se de toda religião e, ao mesmo tempo, quer fiscalizar todos os trabalhos religiosos e até delimitar as horas do culto! Estabelece tantos detalhes nessa lei que, no fim de contas, a liberdade de que se diz paladino, não passa de uma chimera. Parece que se dará em Portugal o mesmo que se deu na França com os huguenotes, que emigraram, aos bandoz, e foram enriquecer com o seu masculo talento, com a sua industria, a Hollanda, a Inglaterra e a America.

Assim opprimidos pelo governo da Republica que devia respeitar os direitos dos cidadãos exercerem o seu culto da maneira que mais justa lhes parecesse, sem fiscalisação nem exigencias deixarão muito bons portuguezes aquelle paiz e irão oferecer o concurso dos seus talentos a outros paizes, onde possam adorar a Deus á hora que quizerem e sem a fiscalisação do poder civil, enquanto praticarem um culto que não vá de encontro á moral publica. Aqui no Brazil, terra das liberdades, de braços abertos, receberemos a todos os irmãos que não estejam pela nova lei, e queiram aportar ás nossas plagas. Aqui, não sómente encontrarão um povo de irmãos que fala a mesma lingua, mas tambem pelo trabalho persistente, encontrarão, com facilidade, os meios de subsistencia. Quando a Patria que estremecemos não sabe aproveitar-se dos dotes dos seus filhos e dos trabalhos que estes lhe podiam prestar, elles não devem deixar-se insensiveis mas, ao contrario, devem prestar esses serviços á causa da humanidade, onde isto lhes for possível.

Esperava-se que terminasse o despotismo jesuitico em Portugal. Terminou — Deixaram de dominar; mas que vantagens

advieram para os liberaes e para os que se empenhavam pela felicidade da nação, trazendo ao conhecimento do povo o glorioso Evangelho de Christo? Nenhuma é infelizmente a resposta que temos a dar, a menos que o Governo reconsidera a Lei da separação e a modifique de alguma forma. Nada diremos contra os nobres estadistas daquelle nação que, cremos estão bem intencionados, e em quem reconhecemos o criterio sufficiente para fazer tudo, da melhor maneira possível, para o bem geral da nação.

Agora algumas palavras aos irmãos de além mar.

O tempo é de difficultades. O filho de Deus não deve nunca desanimar. Deve esperar em Deus, que fará com que todas as cousas concorram para o bem dos que o amam. Talvez que melhores dias estejam preparados á E. Evangelica em Portugal. Seja como fôr, os irmãos devem estar revestidos de toda a armadura de Deus para poderem combater o mais que maligno. Devem usar de toda a prudencia afim de que se torne cada vez mais sympathica em Portugal a santa causa que defendemos. Sede prudentes como as serpentes e mansos como as pombas, diz o Mestre.

Deus, pois, dirija todas as cousas para a sua gloria.

DECRETO DA

Separação da Egreja e do Estado

CAPITULO I

Da liberdade de consciencia e de cultos

Artigo 1º A republica reconhece e garante a plena liberdade de consciencia a todos os cidadãos portuguezes e ainda aos estrangeiros que habitarem o território portuguez.

Art. 2º A partir da publicação do presente decreto com força de lei, a religião catholica apostolica romana deixa de ser a religião do Estado e todas as egrejas ou confissões religiosas são igualmente autorisadas, como legitimas agremiações

particulares, desde que não offendam a moral publica nem os principios do direito politico portuguez.

Art. 3º Dentro do territorio da Republica ninguem pode ser perseguido por motivos de religião, nem perguntado por auctoridade alguma ácerea da religião que professa.

Art. 4º A republica não reconhece, não sustenta, nem subsidia culto algum ; e, por isso, a partir de 1 de Julho proximo futuro, serão supprimidas nos orçamentos do Estado, dos corpos administrativos locaes e de quaequer estabelecimentos publicos todas as despezas relativas ao exercicio dos cultos.

Art. 5º Da mesma data em deante serão extintas as congruas e quaequer outras imposições destinadas ao exercicio do culto catholico.

Art. 6º O Estado, os corpos administrativos e os estabelecimentos publicos não podem cumprir directa ou indirectamente quaequer encargos cultuaes, nem mesmo quando onerarem bens ou valores que de futuro lhes sejam doados, legados ou por outra forma transmittidos com essa condição, que será nulla para todos os effeitos, applicando-se, de preferencia, os respectivos bens ou valores a fins de assistencia e beneficia, ou de educação e instrução.

Art. 7º O culto particular ou domestico de qualquer religião é absolutamente livre e independente de restricções legaes.

Art. 8º É tambem livre o culto publico de qualquer religião nas casas para isso destinadas, que podem sempre tomar fórmula exterior de templo ; mas deve subordinar-se, no interesse da ordem publica e da liberdade e segurança dos cidadãos, ás condições legaes do exercicio dos direitos de reuniao e associação, e, especialmente, as contidas no presente decreto com força de lei.

Art. 9º Considera-se culto publico, não só o que se exerce nos lugares habitual ou accidentalmente destinados ao culto, desde que estejam accessiveis ao publico, qualquer que seja o numero de assistentes, mas o que é realizado em alguma outra parte com a intervenção ou assistencia de mais de 20 pessoas, computadas nos termos do artigo 282º e § 2º do Código Penal.

Art. 10º Para os effeitos do presente de-

creto o ensino religioso, onde quer que se ministre, é também considerado culto publico, e as casas de educação e instrução ou de assistencia e beneficia são sempre consideradas como accessiveis ao publico.

Art. 11º Aquelle que por actos de violencia perturbar ou tentar impedir o exercicio legitimo do culto de qualquer religião será condenado na pena de prisão correccional até um anno, e na multa, conforme a sua renda, de tres mezes a dois annos.

Art. 12º A injuria ou a offensa commetida contra um ministro de qualquer religião, no exercicio ou por occasião do exercicio legitimo do culto, será considerada crime publico e punida com as penas que são decretadas para os mesmos crimes quando commettidos contra as auctoridades publicas.

Art. 13º Incorre nas penas de multa de 1\$000 a 50\$000 réis e prisão correccional de dez a sessenta dias, sem prejuizo da pena mais grave que ao caso possa caber, aquelle que, por actos de violencia ou ameaça contra um individuo, ou fazendo-lhe recuar qualquer perigo ou danro para a pessoa, honra, ou bens, d'elle ou de terceiros, o determinar ou procurar determinar a exercer ou a abster-se de exercer um culto, a contribuir ou a abster-se de contribuir para as despezas d'esse culto.

Art. 14º A mesma pena será applicada áquelle que convencer ou procurar convencer qualquer individuo de que é legalmente obrigatoria a sua subscripção para as despezas de um culto, ou que essa obrigação substitue alguma contribuição do Estado, do municipio ou da parochia, ou de outra entidade auctorizada a lançar congruas ou demais imposições, ou as proprias importancias voluntariamente pagas, com referencia á bulla da cruzada, para despezas auctorizadas ou fiscalisadas pelo Estado.

Art. 15º Aquelle que, arrogando-se a qualidade de ministro d'uma religião, exercer publicamente qualquier dos actos da mesma religião, que sómente podem ser praticados pelos seus ministros, para isso devidamente auctorizados, será condenado na pena do artigo 236º, § 2º, do Código Penal.

CAPITULO II

Das corporações e entidades encarregadas do culto

Art. 16º O culto religioso, qualquer que seja a sua fórmula, só pode ser exercido e sustentado pelos individuos que livremente pertençam á respectiva religião como seus membros ou fieis.

Art. 17º Os membros ou fieis de uma religião só podem collectivamente contribuir para as despezas geraes do respectivo culto por intermedio de qualquer das corporações, exclusivamente portuguezas, de assistencia e beneficencia, actualmente existentes em condições de legitimidade dentro da respectiva circumscripção, ou que de futuro se formarem com o mesmo caracter, de harmonia com a lei e mediante autorisação concedida por portaria do ministerio da justica, preferindo a Misericordia a qualquer outra e na falta da Misericordia ou de corporação com individualidade juridica, não comprehendida no artigo 4º, que tenha a seu cargo um serviço analogo, como hospital, hospicio, albergaria, asylo, crèche, albergue ou recolhimento, uma confraria ou uma irmandade que tenha sido ou seja tambem destinada á assistencia e beneficencia.

(Continua)

A Differença

Uma vez uma menina chegou-se a seu pastor pedindo-lhe que permittisse ser ella admitida como membro da egreja.

— Tens experimentado alguma mudança de coração? perguntou elle.

— Sim, Senhor.

— Foste peccadora, antes?

— Sim, Senhor.

— E's peccadora, agora?

— Sim, Senhor.

— Então, si é assim, como te achas mudada?

A menina reflectiu um momento e então respondeu com um semblante alegre:

— Antes de ser convertida a Christo era uma peccadora que corria apôs o peccado, porem agora sou uma peccadora que foge do peccado.

Gloria a Deus

Antes de o mundo ser mundo,
Já a Jesus se louvava,
Toda a criação celeste
Gloria ao Senhor tributava.

Todas as cousas que existem,
Por Elle foram creadas;
Só por seu verbo divino,
Foram elles reveladas.

Desde toda a eternidade,
Já existia Jesus,
Aquelle mesmo Senhor
Que por nós morreu na cruz.

Era no principio o verbo,
Mas o verbo se encarnou,
Quando de seu throno exelso,
Nossa condição tomou.

Nossa condição tomou,
Nossos delictos levando;
P'ra conhecer nossas dores,
Sympathia assim mostrando.

Fez-se semelhante a nós,
Exceptuando o peccado,
Foi Elle um varão de dores
De trabalhos carregado.

Morreu por nós em agonia,
N'aquelle sanguenta cruz,
O Verbo eterno de Deus!
Sim, por nós morreu Jesus!

Anjos, santos, seraphins,
Cherubins lhe dão louvor;
Nós tambem digamos todos
Gloria a Christo o Salvador.

Gloria! gloria! Alleluia!
Gloria ao Redemptor Jesus!
Que do céo desceu á terra
'Té ser cravado na cruz.

20. 1. 1893. LEONIDAS SILVA.

(Copiado de um manuscripto de d. Maria Amelia Valente).

Para Crianças

Precisa-se de um Machinista

Foi ao pôr do sol, depois de um dia alegre passado no campo, que um grupo de crianças com outros amigos caminhavam para casa. A pequena Bessie, porém, mal podia arrastar os pezinhos e sua mãe notou a sua cansaço.

«A Bessie está cansada, coitada, mas ainda temos um bom pedaço para andar. Vamos, filhinha, coragem».

«Deixe que eu a carregue snr^a Watson» e Sidney Ransome, baixando-se, levantou a pequena nos seus fortes braços.

«Agora podemos andar mais depressa;» disse elle alegremente, e a Bessie ria-se de contente enquanto seu cavallo grande saltava pela estrada.

Foi um daquelles actos de bondade que as mães não esquecem tão cedo.

Muito tempo depois quando o picnic para o Sidney não era mais que uma memória obscura, a Sra. Watson lembrava-se com gratidão do moço que se déra ao trabalho de carregar a Bessie para casa aquella noite.

* *

Por algum tempo tinha havido uma forte lucta no lar do Sidney. A mãe corajosa com nove filhos, orphãos de pae, para educar, sentiu a força faltar-lhe, e quasi que não podia encarar o futuro. O Sidney notava as rugas accrescentarem-se n'aquelle rosto querido, com o coração bem pesaroso.

«Coragem, mamãe, sei que hei de arranjar um emprego logo, pois temos orado e pedido auxilio de Deus e é preciso que confiemos agora n'Elle.

«Sei, meu filho, sei, mas as vezes a minha coragem falha,» ella respondeu fazendo um grande esforço para conter as lagrimas.

Foi com grande alegria, então, poucos dias depois, que o Sidney chegou em casa com a noticia de que tinha arranjado um emprego como machinista a bordo de um navio, o ordenado sendo de 200\$000 mensais e era preciso preparar-se para em breve partir.

Como a agulha de sua mãe voava durante aquelles dias para que tudo ficasse prom-

pto em tempo! Uma após outra suas roupas ficaram promptas, depois empacotaram-se as malas e a partida parecia approximar-se. A bordo tambem fazia-se todas as preparamões e o Sidney trabalhava até alta noite para que tudo ficasse de promptidão. Então foi que recebeu um golpe.

Veiu uma ordem para o vapor não sahir, pois o commercio estava num estado desanimador.

Foi uma prova bem dura para a fé do Sidney. Elle contara com toda a certeza que este emprego fosse uma dadiva de Deus em resposta as suas orações e agora tudo era em vão. Triste e cansado, retirou se para o seu quarto aquella noite e de joelhos lançou todo o seu cuidado e dor sobre o seu Pae celeste. Deitou-se em seguida com paz e descanso no seu coração, na certeza de que em breve havia de arranjar outro emprego para alliviar o peso que sobrecarregava sua boa mãe.

Uma hora depois ouvio bater na porta do seu quarto.

«Quem é?»

«Sou eu», respondeu-lhe a irmã. «Chegou agora um telegramma para ti».

Num instante elle rasgou o envelope—um telegramma do pae da Bessie o capitão Watson de Londres «Preciso de machinista, pode vir já?»

Já? A resposta passada pelos fios telegraphicos foi—«Sigo amanhã»; mas como foi e porque, lhe foi offerecido o lugar só no outro dia é que elle soube.

Elle foi como machinista a bordo do vapor do Capitão Watson com um ordenado de 250\$000 por mez.

Os outros compauheiros desapontados, sem nada que fazer o olhavam com inveja, enquanto empacotava suas cousas no elle vapor, silencioso e parado n'quelle porto norte da Inglaterra.

«Mas como foi que o sr. arranjou este emprego?» resmungavam, e nós ainda a batermos os pés por aqui».

O Sidney sorriu-se, elle mesmo quasi que não sabia. Elle só tinha certeza de que foi em resposta as suas orações— resposta alem de tudo que tinha pedido ou imaginado. Chegado em Londres o capitão explicou-lhe tudo.

«Precisavamos de mais um machinista» elle disse, e n'aquelle tarde o primeiro machinista chegou-se no meu camarote e

disse: «Não posso arranjar outro machinista em parte alguma!».

Minha mulher que se achava lá sentada, de repente me disse: Porque não arranjas o Sidney Ransome?». O sr. vê que ella nunca se esqueceu de si desde o dia que carregou a nossa Bessie para casa depois do picnic. Desde aquella occasião sempre lhe tem em grande estimação. «Isso mesmo!» exclamei; mandarei um telegrapha já, já.

Assim foi que lhe chamei.

«Estando elles ainda fallando eu os ouvi-
rei.»

A velha promessa soou nos ouvidos do Sidney com novo poder, pois foi exactamente naquelle hora quando se achava de joelhos em seu quarto, pedindo o auxilio de Deus que a esposa do Capitão sugerira ao seu marido e assim Deus suppria a sua necessidade.

TRAD. A. DE B. WRIGHT.

O MENSAGEIRO

Jornal Evangelico Portuguez. Publicação mensal

Noticia o movimento evangelico em todo o paiz e colonias. Remette-se gratuitamente a quem o pedir.

Dirijam seus pedidos aos Agentes:

M. F. B. do Couto

Rua S. Pedro 118 — Rio

Domingos A. S. Oliveira

CAIXA 513 — S. PAULO

Peçam noticias sobre a obra evan-
gelica em Portugal e mandem
os nomes e localidades de
seus parentes si desejarem que
elles sejam visitados por algum mi-
nistro do Evangelho.

ESTATUTOS

União das Egrejas Evangelicas Inde-
nominacionaes, que acceitam a « Breve
Exposição das Doutrinas Fundamentaes
do Christianismo », recebidas pela Egreja
Evangelica Fluminense».

CAPITULO I

Artigo 1º — As Egrejas Evangelicas do Brazil e Portugal, que acceitam a « Breve Exposição das Doutrinas Fundamentaes do Christianismo », estabelecem uma União cujos fins são estreitar os laços de amor fraternal entre as mesmas Egrejas, promover o desenvolvimento do seu trabalho e os interesses espirituas e temporaes das respectivas Egrejas.

Art. 2º — Esta União nenhuma autorida-
dade exercerá sobre as Egrejas locaes, as
quaes continuarão gosando da sua com-
pleta autonomia.

Art. 3º — As Egrejas de que se compõem esta União com quanto adoptem o sistema congregacional das Egrejas do Novo Testamento, não representam a denominação Congregacionalista, sendo ape-
nas conhecidas pelo simples titulo de « Egrejas Evangelicas » com a indicação de suas localidades; os membros só terão o nome de « christãos » (Actos 11 v 26 ; capitulo 26 v 28 ; 1º Pedro 4 v 16).

Art. 4º — As Egrejas desta União, em conformidade com o mandamento do Senhor Jesus Christo (Mattheus 28 v 19) praticam o baptismo com agua somente nas pessoas que crêm em nosso Senhor Jesus Christo, dando as provas de estarem convertidas, e assim se tornam discípulos d'Elle.

Art. 5º — Farão parte desta União, não só a Egreja Evangelica Fluminense (ou do Rio de Janeiro) (*) e as que por iniciativa desta se achem já organisadas no Brazil e em Portugal, que estejam nas condições indicadas nos artigos precedentes, mas tambem todas as que de futuro se orga-
nisiarem nas mesmas bases e regimem em qualquer logar onde é fallada a lingua Portugueza.

Art. 6º — A Egreja que se afastar dos principios biblicos synthetisados na « Bre-

(*) Fluminense, não é titulo de uma denomi-
nação, mas de localidade.

ve Exposição das Doutrinas Fundamentaes do Christianismo » e das condições estabelecidas nos artigos precedentes, será desligada desta União.

CAPITULO II

Da Junta da União

Art. 7º — Haverá uma Junta da União com exercício trienal composta de 1 Presidente, 1 Vice-Presidente, 2 Secretarios, 1 Thesoureiro, 1 Procurador e 3 Vogaes, a qual funcionará na cidade do Rio de Janeiro.

Art. 8º — Os membros da Junta serão eleitos em cada convenção entre pastores, officiaes e outros membros das Egrejas.

Art. 9º — Esta Junta deverá manter constante correspondencia com as Egrejas, terá as suas sessões trimensalmente e quando fôr necessário.

Art. 10 — Os pastores e mais representantes das Egrejas desta União, que pelas distancias não possam tomar parte nas sessões da Junta, serão considerados membros correspondentes e consultivos.

Art. 11º — A Junta terá a seu cargo a publicação de um Boletim trimensal, no qual dará noticias de todo o movimento e progresso das Egrejas e Missões desta União.

Art. 12º — Este Boletim será remettido gratuitamente aos representantes das Egrejas.

Art. 13º — Cada Egreja desta União remetterá annualmente á Junta uma copia do seu relatorio e contas para fins estatisticos.

CAPITULO III

Das Convenções da União

Art. 14º — De tres em tres annos haverá uma Convenção das Egrejas desta União.

Art. 15º — Em cada Convenção se estudará e discutirá o estado espiritual das Egrejas, e tambem as questões que nellas existirem quando apresentadas e pedidas pelas mesmas Egrejas.

Art. 16º — Em cada Convenção haverá, pelo menos, duas sessões plenarias, uma de abertura e outra de encerramento, com culto publico e prégação do Evangelho.

Art. — 17º A Convenção reunir-se-ha, de cada vez, na localidade escolhida pelo

voto da maioria dos representantes das Egrejas. (*)

Art. 18 — Se por qualquer motivo muito especial, a Junta entender ser conveniente convocar extraordinariamente uma Convenção, poderá fazê-lo.

Art. 19 — Todos os membros em plena comunhão das Egrejas desta União terão direito a assistir as suas Convenções mas só poderão discutir e votar os representantes das Egrejas.

(*) Será considerada Egreja uma congregação que tiver pastor, dois officiaes e doze membros.

(Continua)

NOTICIARIO

Escola Dominical. — Em sessão de 8 de Maio foi resolvido realizar-se a reunião de professores da Escola Dominical da Egreja Evangelica Fluminense, às quartas-feiras, às 8 da noite. Foi tambem novamente recomendado aos professores a necessidade urgente de visitar os alumnos que faltam, pedindo o auxilio do superintendente quando necessário. Na mesma occasião tomaram conhecimento da renúncia do thesoureiro e resolveram effectuar trimensalmente uma reunião social dos professores.

A secretaria do « Berço » comunicou existirem inscriptas actualmente 47 crianças de 4 annos para baixo, ficando resolvido convocar-se uma sessão especial dedicada ás mães das criancinhas inscriptas no « Berço » em dia que será determinado pelo Pastor da Egreja.

— A collecta para a representação do Brazil na Associação Mundial das Escolas Dominicanas rendeu 28.000.

Associação Mundial. — Noso, amigo e irmão rev. H. C. Tucker escreve-nos : « Tenha a bondade de publicar no seu conceituado jornal o seguinte :

« As escolas Dominicanas que já responderam ao appello feito para constituir o sr. William Jennings Bryan, membro perpétuo da Associação Mundial de Escolas

Dominicaes e assim concorrer com as despesas da Associação pelo triennio são as Escolas de Piracicaba, 20.000; Descalvado, 7.200; Evangelica de Nictheroy 16.780; Missão Central, 17.240.

Diversas outras mandaram dizer que tencionavam tirar collectas para este fim. Os pastores e Superintendentes se lembram que o representante da Associação tencionava nos visitar de Julho a Novembro deste anno. Será de grande proveito enviar ao Thesoureiro da Associação a importância do nosso compromisso o mais breve possível; por isso peço aos irmãos que não demorem em attender ao pedido.

Pedro Campello — Continúa no meio de nós este nosso irmão, digno Pastor da Egreja Evangelica Pernambucana. Tem continuado a ajudar o trabalho evangélico em geral e especialmente em connexão com a Egreja Evangelica Fluminense da qual procedeu a egreja que elle pastorêa. Sentimos dizer que sua esposa não está gosando boa saude.

Esperamos que o Senhor queira restabelece-a e que continue a usar servo em seu serviço durante o tempo que elle permanecer no meio de nós.

Leonidas Silva — De volta de Cabo Frio, está no meio de nós o irmão Leonidas Silva que alli permaneceu desde que foi para a inauguração da casa de oração da Egreja Evangelica de Cabo Frio de que demos notícia em nosso numero transacto. Em seu regresso encontrou-se, no alto mar, com o navio do Capitão Nunes que ia em demanda daquella cidade. Passando perto, não foi preciso radiogramma, mas verbalmente saudaram-se mutuamente e prosseguiram em sua derrota.

Traz-nos alegres notícias do povo de Cabo Frio e do Evangelho naquela cidade. A egreja local conta agora 18 membros, os cultos são bem frequentados; a animação cresce pela causa bendita, apesar das artimanhas do inimigo de nossas almas.

Consta-nos que a Sociedade de Evangelização cogita em enviar um trabalhador para alli, ao menos na ausencia do pastor

União dos Obreiros. — No dia 15 do corrente realizou-se a sessão men-

sal da União dos Obreiros evangélicos. Foi uma reunião de grande alcance espiritual e de muita fraternidade christã. Tratou-se das Lições Internacionaes para a Eschola Dominical, falando o rev. Borchers da E. Methodista sobre o curso graduado e demonstrando as vantagens desse curso sobre os outros até agora adotados. Tratou-se também dos meios de conseguirmos uma «Revivificação» em nossa Patria.

Todos os trabalhadores christãos são unanimes em reconhecer a necessidade de um despertamento religioso e para isso estão estudando os meios mais consoantes com a Palavra de Deus.

Todos os crentes podem se interessar neste sentido, elevando as suas orações ao Throno da Graça para que Deus nos faça contemplar maravilhas soberanas.

Transcripção — De nosso collega de imprensa — *Purilano* (de 20 de Abril) desta cidade, transcrevemos em outro local, a noticia que deu a respeito da cerimonia de ordenação do irmão Francisco de Souza, na Egreja Evangelica Fluminense.

Sociedade de Evangelização. — No dia 18 do corrente reuniu-se esta sociedade afim de deliberar o que convém fazer acerca do trabalho evangélico que ella tem em Portugal, a vista da lei da separação da Egreja e do Estado naquella Republica.

Foi resolvido que, por enquanto, se fechassem as casas de culto publico e que haja cultos particulares, até que o Senhor mostre outro caminho melhor.

— Esta sociedade deu permissão a seu evangelista L. Silva para ir trabalhar no serviço evangélico em connexão com a Egreja Pernambucana. Durante o tempo de sua ausencia, ficará o sr. Pedro Campello ajudando a evangelização e a Egreja Fluminense.

— Foi escolhido para presidente desta Sociedade o Rev. Alexandre Telford, o qual aceitou o cargo e ficou empossado.

Cuba — Datada de Havana 25 de Março, recebemos noticia do irmão Angelo Garcia.

Estando em New York sentiu-se como que isolado, devido á falta de conhecimento da lingua ingleza.

Viu muitas maravilhas em New York, e visitou bellissimos templos evangelicos, onde se cantava admiravelmente. Visitou o Calvary Baptist Church, luxuosa casa de oração, que é a maior do Norte, bem como o templo congregacionalista Broadway Tabernacle, que é um dos mais bellos da cidade; mas a sua « casa especial » era a Casa dos Moços da 23^a Street, onde achou alguns amigos que falavam hespanhol.

Em Havana sente-se mais a vontade, não só pelo idioma hespanhol com o qual não acha dificuldade, como tambem pelo clima que é igual ao do Brasil e não soffrer o frio que tanto sentiu em Nova York.

Teve conhecimento pelo *Christão* de Janeiro acerca do desenvolvimento do reino de Deus em S. Paulo e Cabo Frio onde a Egreja Fluminense está extendendo os seus tentaculos. Sentiu-se alegre por saber tambem que o irmão Francisco de Souza foi ordenado para o ministerio do Evangelho.

Havana é uma bonita cidade com meio milhão de habitantes e n'ella existe trabalho evangelico pelos irmãos Methodistas, Baptistas e Presbyterianos. Foi organizada uma A. C. M., mas não deu resultado; pensa-se em reorganizal-a em 1912. Taes são as noticias que nos transmitte nosso irmão Angelo Garcia, a quem agradecemos.

Simão Salem — Este irmão que trabalhou como evangelista, por 2 annos, na congregação da Missão da Egreja E. Fluminense, em S. Paulo, deixou de ser empregado evangelista da mesma congregação.

Deus queira abençoar o trabalho feito por elle durante esse curto lapso de tempo.

Bibliotheca — A Comissão da Assembléa Geral da Egreja Presbyteriana Independente de Curityba, pede-nos para enviar nosso jornal para a bibliotheca daquella egreja.

Com muito prazer o faremos e estimamos que a bibliotheca seja enriquecida de preciosos volumes. A Comissão é com-

posta dos irmãos Rev. José M. Higgins (Rua Coronel Dulcidio n. 36. Curitiba — Paraná), Evaristo Baggio, Ricardo Baggio, Domingos Suman, filho.

Itaipú — Em Itaipú (Niteroy) no dia 21 do corrente, nasceu Damaris filha de nossos irmãos na fé Manoel da Silveira Coutinho e Jovelina Boriche Coutinho.

Damos nossos parabens.

— Nesse lugar pregou o irmão Leonidas Silva e foi muito bem acolhido. Outros irmãos tambem tem pregado e desenvolve-se a congregação, havendo já alguns interessados.

Deus queira abençoar a semente do Evangelho alli.

Eunice — Tal é o nome da filhinha de nossos presados irmãos Carlos e d. Eliza Ferreira. Nasceu no dia 23 do corrente pelas 7 da manhã, em Niteroy.

Damos nossos parabens tanto mais quando vemos que Eunice vem substituir a sua irmãzinha que foi levada pela morte ha cerca de um anno.

Queira Deus permitir que Eunice cresça e venha a ser uma serva fiel do Senhor Jesus.

O CONVENTO DESMASCARADO

OU

Revelações de Edith O' Gorman

Ex-freira do convento de Sta Isabel em Madison, Nova Jersey.

O que se passa nos conventos.

E' digno de se ler esta obra que traz muita luz sobre a moralidade de daquellas casas.

A terceira e ultima edição desta obra está quasi esgotada, ainda ha alguns exemplares á venda na casa Publicadora a rua da Quitanda.

—:— PREÇO 2\$000 —:—